

Bluménau

em Cadernos

Tom o VIII

Nº. 3

HOTEL REX

BLUMENAU
SANTA CATARINA



100 APARTAMENTOS

dotados de todo confôrto.

BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VIII ★ OUTUBRO 1966 ★ N.º 3

Colonos de Joinville na guerra do Paraguai

Carlos FICKER

A Colônia Dona Francisca, como Blumenau, Brusque, Teresópolis e São Pedro Alcântara, contribuiu com Voluntários para a formação de um Contingente que prestou serviços de guerra na Campanha do Paraguai.

A contribuição de Joinville para as forças nacionais foi de 21 soldados, alistados como Voluntários da Pátria, incorporados na 9a. Brigada de Infantaria. Não existia, no Brasil, o serviço militar obrigatório e, além do Exército de Linha e Guarda Nacional, o recrutamento era feito exclusivamente pelo voluntariado. O entusiasmo que a defesa da pátria havia despertado com a agressão paraguaia no Mato Grosso, culminou com a publicação, em 7 de janeiro de 1865, do decreto N.º. 3371, criando os Corpos de Voluntários da Pátria. Segundo o artigo 2º, como vantagens, além do sôldo, foram concedidos mais 300 réis diários e a gratificação de 300\$000 quando dessem baixa do serviço, além de 22.500 braças quadradas de terras nas colônias militares ou agrícolas existentes no país.

Os documentos oficiais sôbre a participação dos Alemães e Suíços das colônias de Santa Catarina, são escassos. Deixou-nos o comandante dos Voluntários Alemães, Vito von Gilsa, um diário com apontamentos sôbre a campanha, com referências valiosas. O manuscrito fragmentário serviu como base para a excelente análise do historiador militar Cel. Henrique Wiederspahn em sua obra «Blumenau na História Militar Brasileira» e publicada no Tomo 5 de «Blumenau em Cadernos».

Outra fonte valiosa e até agora inédita, encontramos nas reportagens e nos relatórios publicados pelo Alteres Wilhelm Hoffmann nas colunas do «Colonie Zeitung», semanário em língua alemã da Colônia Dona Francisca, hoje Joinville.

Em setembro de 1865, o diretor da Colônia, Sr. Louis Niemeyer, recebeu do Presidente da Província, Dr Adolpho de Barros Calvacanti de Albuquerque Lacerda, um ofício, autorizando o alistamento de Voluntários em Joinville. Formou-se uma Comissão de alistamento, constituída do Revm.º

Padre Carlos Boegershausen, o médico Dr. Wiegand Engelke, o Sub-Delegado de Polícia, Dr. Adolph Haltenhoff e Otto Niemeyer, irmão do Diretor da Colônia e Presidente da Câmara Municipal de São Francisco do Sul para a Freguesia São Francisco Xavier de Joinville.

O cidadão Wilhelm Hoffmann, na sua qualidade de Ajudante Fiscal da mesa de rendas de São Francisco para Joinville, procedia o alistamento e ficou encarregado das demais providências do recrutamento. Assim, a 23 de setembro de 1865, Hoffmann publicou no «Colonie-Zeitung» uma proclamação convocando os habitantes da Colônia para que fôsem espontaneamente alistar-se para formar um batalhão de voluntários alemães com oficiais alemães, armas e equipamentos modernos “á Minié” e todas as vantagens do decreto imperial de 7 de janeiro do mesmo ano. As famílias dos que tombassem durante as operações teriam direito a pensão de meio sôlido, conforme as leis existentes para o Exército, recebendo o inválido, para o resto da vida, o sôlido dobrado. O contingente de voluntários alemães seria considerado como «Batalhão de Caçadores».

Correndo o boato de que o Presidente da Província teria autorizado o pagamento adiantado de 50\$000 para cada homem alistado, verificou-se, na reunião convocada a fim de combinar as derradeiras providências, grande aglomeração de colonos com a intenção de seguir para a guerra. Quando se desfez o boato, a maioria perdeu o ânimo e voltou para casa. Somente 23 alistaram-se no dia 26 de outubro e seguiram no dia 29, às 7 horas da noite, em formação para o Restaurante do Sr. Ravache, onde lhes foi servida uma refeição de despedida.

Ao toque de reunir, perto das 8 horas e sob iluminação de tochas e archotes, lhes foi feita a entrega de uma Bandeira, bordada pelas damas da sociedade joinvillense, iniciando-se, em seguida, a marcha em direção ao pôrto, acompanhada pela Banda de Música, pelos Ginástico e pelo «Saengerbund», da Sociedade de Cantores. Cada Sociedade conduzia o seu estandarte.

Grande massa popular esperava o préstito na praça do embarque, onde o Sr. Ulrich Ulrichsen havia transformado o trapiche e a redondeza em verdadeira praça de festas, com palmeiras e flôres e profusa iluminação de lampeões coloridos de papel chinês.

Falaram o Diretor da Colônia, Sr. Niemeyer e o Revmo. Padre Carlos Boegershausen, dirigindo-se aos Voluntários da Pátria com palavras vibrantes e falando-lhes da sagrada missão, que os aguardava. Respondeu, em seguida, o Alferes Wilhelm Hoffmann. A Banda de Música tocou o Hino Nacional e o «Saengerbund» entoou alguns cantos patrióticos. Diante da sua casa de negócios, o Sr. Ulrichsen ainda ofereceu aos 23 Voluntários um copo de bebida e com “Vivas” ao Imperador Dom Pedro II, à Nação Brasileira, ao Exército e à Marinha, aos Diretores da Colônia Dona Francisca e aos Voluntários de Joinville, seguiu a embarcação com a vasante o Rio Cachoeira abaixo, até a Barra do Araquari, de onde marchariam os voluntários, via Itajaí, para o Destêrro.

Encontraram os Voluntários de Joinville, na Capital da Província, os componentes do contingente de Blumenau e Brusque, além de 5 elementos da Colônia Teresópolis e um da Colônia São Pedro de Alcântara. (A relação nominal dos voluntários alemães com direito às vantagens estabelecidas pelo

decreto de 7 de janeiro de 1865, acusa 120 homens, porém não se acham incluídos os Oficiais. Conf. o «Colonie Zeitung» N° 11 de 12 - 3 - 1870, o total dos voluntários alemães 36 homens). Deveriam formar os alemães uma companhia do 25° Batalhão, era de Voluntários completada por contingentes provindos do Paraná. Porém não alcançaram mais aquêlê Batalhão, que já havia seguido, em agôsto, para o Rio Grande do Sul. Formaram então os Voluntários Alemães o 9° Batalhão da 9ª Brigada de Infantaria, composto de 87 elementos. («Colonie-Zeitung» N°. 47).

Após a chegada dos últimos Voluntários de Blumenau e Joinville, começou logo o treinamento e a requisição de armas, fardamento e equipamento militar. Ao anoitecer do domingo, 5 de novembro, chegava à Capital Catarinense o Imperador com o seu séquito e acompanhado pelos genros, Príncipe Luis Augusto de Saxe-Coburg-Gotha e o Conde d'Eu. Na manhã seguinte, o Imperador inspecionou os aquartelamentos e assistiu aos exercícios, sendo aclamado com entusiasmo. Por ocasião do desfile final de inspeção das tropas, Sua Majestade dirigiu palavras benevolentes ao comandante das tropas alemães, Capitão Vitor Augusto Louis von Gilsa, manifestando o seu contentamento pela excelente impressão de disciplina que apresentavam os Voluntários sob seu comando.

Após um aquartelamento de algumas semanas numa casa da Praia de Fora, no Destêrro prestavam juramento os Voluntários da Pátria. Dos 25 elementos da Colônia Dona Francisca, desistiram e voltaram a Joinville 3 Voluntários, a saber Ritzmann, Benzal e Morgenstern. Alistou-se no Destêrro mais um joinvilense, Georg Ziegler. Seguiu assim para o campo de batalha o total de 21 Voluntários da Pátria de Joinville.

Seguem abaixo os seus nomes e seus respectivos destinos :

- Alferes Wilhelm Hoffmann* — voltou em 1867 a Joinville em estado de completa pobreza. O Comerciante Voss mandou penhorar a sua casa e a Direção da Colônia sequestrou o seu terreno por falta de pagamento.
- Carlos Eisendecker* — faleceu no hospital em maio de 1866, no hospital de Corrientes.
- Adolph von der Osten* — faleceu no mesmo hospital, em abril de 1866.
- Carlos von Reibnitz* — pereceu afogado no Rio Paraná, 10-5-1866
- Friedrich Knappe* — voltou à Colônia, em 31-8-1867, inválido e, em Setembro de 1868, um incêndio destruiu a sua casa, deixando-o na miséria.
- David Gentner* — condenado em maio de 1866 a um ano de prisão, seguiu preso para o Rio, onde foi solto.
- Christian Meyer (Suíço)* — faleceu a 28-5-1866, malária.
- Franz Stern* — desertou em 1868.
- Emil Gaensly (Suíço)* — voltou de Rosário em março de 1870.
- August Graeve* — faleceu no hospital de Corrientes.
- Jacob Mayeros* — permaneceu até março de 1870 no Paraguai

<i>Hermann Blum</i>	— voltou à Colônia em 1869.
<i>Hermann Uetzfeld</i>	— faleceu em 1866 no hospital.
<i>Jacob von Vossen</i>	— voltou em 1869.
<i>Adolph Baurath</i>	— faleceu a bordo do S. Miguel em 15-12-865.
<i>Luiz Richter</i>	— voltou em marco de 1870 de Rosário, então Quartel General brasileiro.
<i>Eduard Seiler</i>	— faleceu em 1868.
<i>William Neuschaeffer</i>	— permaneceu até o fim da guerra no G. G. de Rosário.
<i>Georg Ziegler</i>	— licenciado, foi a Montevideo.
<i>Jacob Wenz</i>	— faleceu em 1867.
<i>João Tesch</i>	— condenado a um ano de prisão, foi solto, no Rio de Janeiro, a 23 de junho de 1868

Além dos Voluntários de Joinville e das outras colônias alemães de Santa Catarina, seguiram o Batalhão de Depósito do Destêrro e uma divisão da Guarda Nacional de São Paulo e Sta. Catarina, a bordo dos transportes «São Miguel», «Izabel» e «Jaguaribe», rumo a Montevideo.

Antes do embarque, as tropas desfilaram pela Rua Augusta até o Largo do Palácio (hoje Praça 15 de Novembro). Aí houve missa campal e bênção da Bandeira do 9º Batalhão.

Os Voluntários Alemães, em número de 87 e sob comando do Capitão Victor von Gilsa, formavam duas companhias. Além do Capitão Gilsa, de origem nobre da Áustria, veterano da guerra contra a Dinamarca em 1848 - 1850, membro da Legião Alemã de 1851 contra Rosas, na Argentina, e finalmente, professor da escola de Blumenau, citaremos dos demais oficiais do contingente: o Tenente Emil Odebrecht, Alferes Sametzki e Alferes Friedenreich, de Blumenau; o Alferes Guido von Seckendorf, de Brusque e Alferes Hoffmann, de Joinville.

E' interessante notar, que o Alferes Hoffmann foi pessoalmente responsabilizado pelas importâncias pagas, em forma de mantimentos e equipamentos, aos três renunciantes, que voltaram à Colônia Dona Francisca.

Partiram, a 26 de novembro, com as demais tropas estacionadas no Destêrro, os 87 Voluntários Alemães, sem contar a oficialidade, conforme nota oficial do Destêrro, publicada em 2 de dezembro de 1865.



A partir de 2 de dezembro começa o diário do Alferes Wilhelm Hoffmann, enviado em forma de cartas à redação do «Colonie Zeitung» em Joinville, e publicado no mesmo semanário. A primeira reportagem foi publicada no dia 27 de janeiro de 1866:

«A bordo do vapor «São Miguel», 2 de dezembro de 1865.

Embarcamos domingo, dia 26 de novembro, depois do desfile, ao todo mais ou menos 1.400 homens. Somente no dia 28 o nosso navio levantou terros, chegando no dia seguinte à altura do Rio Grande, e no dia 1º de dezembro, avistamos o farol de Maldonado. Às duas horas da tarde ancoramos no pôrto de Montevideo.»

Continua Hoffmann, no seu diário, a relatar o primeiro passeio nas ruas e avenidas de Montevideo em companhia de três oficiais alemães e três brasileiros, mostrando-se encantado com a beleza da cidade em estilo oriental, com a vida noturna nas ruas iluminadas a gás e o movimento nas lojas e estabelecimentos comerciais, até as igrejas permaneciam abertas durante tôda a noite. Acrescenta Hoffmann, que muito se divertiram nesta noite, finalizando que está escrevendo estas notícias, ajoelhado no seu colchão a bordo, aguardando a chamada para o serviço. O «São Miguel» deveria seguir viagem no dia seguinte subindo o Rio da Prata rumo à Corrientes.

As seguintes anotações no diário trazem a data de 16 de dezembro. Continua Hoffmann: "O rio de La Plata, apesar de sua largura impressionante, encontra-se cheio de baixios e exige uma navegação cuidadosa. Durante a nossa viagem encontramos 11 navios encalhados e também o nosso navio encalhou por quatro vêzes, porém sem consequências maiores. Navegamos diariamente umas 15 léguas a uma distância de dois dias de viagem de Corrientes. Estamos rebocando um navio de guerra".

"Neste momento o nosso comandante dirigiu-se à terra firme para adquirir mantimentos e principalmente carne. Porém êle não conseguiu nada, absolutamente nada. Nesta zona, conhecida pela abundância de gado, não existe mais nem um boi sequer — tudo sequestrado e roubado. Nas margens do rio encontramos vestígios de capivaras, animando os caçadores entre nós a tentar a sua sorte.

"Faleceu o Voluntário Baurath! Foi êle sepultado nas barrancas do Rio da Prata, delronte da pequena localidade de La Paz. Neuschäfer continua com febre, porém todos os demais da Colônia Dona Francisca encontram-se bem.

"Após a chegada em Corrientes, a nossa missão será guarnecer um navio de guerra. O Alto Comando das fôrças armadas deixou ao critério dos oficiais alemães o destino do contingente — ou ser incorporado às tropas terrestres ou guarnecer um navio de guerra. Escolhemos o serviço a bordo, apesar que à primeira vista parece mais perigoso estar exposto no navio ao fogo das baterias. Porém as marchas cansativas e fatigantes através de brejos e pântanos, sem caminhos ou estradas, carregados de pesadas bagagens e armamentos, em muito superam as inconveniências da primeira modalidade. Eu por minha parte, prefiria morrer como soldado em combate ao invés de perecer miseravelmente nas marchas sem fim ou em qualquer lugar êrmo sem assistência médica".

Diz Hoffmann em sua carta do dia 20 de dezembro:

"Dêsde ontem encontrámo-nos a bordo do navio movido à hélice «Araguary», comandado por um oficial alemão, comandante Hoonholtz († Antonio Luiz von Hoonholtz (1837 — 1931, futuro Barão de Teté, que se destacou em seis combates navais, principalmente na batalha naval do Riachuelo (11 de junho de 1865).

"O serviço a bordo é duro, porém em consequência da boa alimentação, todos estão de perfeita saúde. De manhã, às 5 horas, recebemos uma cachaça, às 6 horas, café com pão torrado, ao meio dia é servido um almoço com carne, bons legumes e mais uma cachacinha e entre 5 e 6 ho-

ras da tarde, recebemos sopa com mais um pedaço de carne”.

Relata Hoffmann, em seguida, que os seguintes Voluntários de Jonville foram promovidos: Louis Richter avançou para sub-oficial, Adolph von der Osten para sargento e Emil Gaensli foi nomeado cabo-turriel. Acrescenta Hoffmann: “o inimigo encontra-se apenas a uma distância de uma hora da nossa posição e consequentemente estamos a postos desde as duas horas de madrugada, de arma em punho. Os artilheiros montam guarda aos canhões até ao raiar do dia. Durante a noite estão sendo controlados os sentinelas de 10 em 10 minutos”.

Termina Hoffmann a sua carta com curiosa observação sobre os índios da região, principalmente as mulheres, considerando-as horrivelmente feias e acrescenta: “elas não vestem camisas, nem crinolinas e andam no estado natural de Evã!”



Antes de prosseguirmos na transcrição das cartas do Alferes Wilhelm Hoffmann, escritas a bordo da canhoneira «Araguary», queremos em breves apontamentos, analisar a situação militar no teatro de guerra encontrada pelos Voluntários de Santa Catarina, quando chegaram no pôrto de Corrientes, a 18 de dezembro.

No dia 23 de outubro, o General Caceres, com a vanguarda dos Aliados, entrou na cidade de Corrientes, esperando até princípios de dezembro a chegada do grosso do exército. Entre Corrientes e Passo da Pátria, onde os acampamentos dos Aliados passaram a constituir um enorme armazém de munições, armamentos e material para a ofensiva prevista, começou um período intenso de preparativos para reunir o material indispensável à travessia. Corrientes assumia o aspecto de verdadeira base de operações. Durariam os intensos preparativos até 16 de abril, dia da transposição do rio Paraná, no Passo da Pátria. O intenso calor que reinava nestas paragens nos meses de novembro, dezembro e janeiro, causou uma pausa forçada nas operações dos Aliados. Doenças e epidemias de cólera, com grande mortalidade, grassavam nestes meses entre as tropas, atrasando os preparativos.

Vejamus como o Alferes Hoffmann relata os acontecimentos na sua segunda carta, escrita a bordo do Araguay, a 28 de dezembro:

“A organização excelente do Correio permite o envio semanal de notícias do nosso contingente, composto agora de 116 homens e seis oficiais, não contando um oficial licenciado. «O Araguay» encontra-se ancorado de frente a Corrientes. A pouca distância do inimigo nos obriga a estar alertas durante toda a noite. Assim passamos os dias dormindo e descansando. No Hospital de Corrientes encontram-se recolhidos nove Voluntários do nosso contingente, porém sem doenças graves. A situação sanitária não é nada boa e o hospital está super-lotado e mal aparelhado. O calor é abafante e não menos terrível a praga de mosquitos e pernilongos.

“No dia 24 de dezembro passou por Corrientes o General Osório com as suas tropas constituídas de 30.000 homens, para encontrar-se com o General Mitre já estacionado no Passo da Pátria com mais de 12.000 soldados argentinos. Ontem partiram de Corrientes mais 3.000 homens de São Paulo, Ceará, Bahia e Sta. Catarina para o Passo da Pátria. Diariamente estão chegando reforços e contingentes de tropas, entre estes 300 Voluntários de São Paulo.

"No pôrto encontram-se ancorados atualmente 10 navios de guerra, inclusive um encouraçado e um monitor com casamata fixa. Aguardam-se mais 7 encouraçados e um monitor, além de 11.000 homens da Guarda Nacional, para o início das operações e do assalto contra o Passo da Pátria, previsto para o dia 19 de janeiro.

"A nossa conhoneira possui 5 peças de calibre 68. Sôbre as balas de 68 libras ainda serão colocadas cargas de metralha com mais 45 libras. Realmente, estamos maravilhosamente bem armados e equipados; não faltam munições e provisões. O nosso navio «Araguary», o «Belmonte» e o «Itajahy» formam a vanguarda e deverão iniciar a operação.

"O plano é o seguinte: os três navios acima mencionados, comecem o bombardeio. Logo em seguida os encouraçados e monitores aproximam-se o mais possível das baterias em terra, para continuar o bombardeamento enquanto as tropas avançam em direção do Passo da Pátria. A frota, em seguida, movimentar-se rio acima para ultrapassar Humaitá (o que de certo não será fácil) e continuar em direção a Assumpção. A fortaleza de Humaitá já se encontra bloqueada pelos nossos navios de guerra e já sofre em consequência a falta de mantimentos. Os soldados paraguaios somente recebem de rancho 125 gramas de carne de cavalo e uma espiga de milho. (a notícia é confirmada!) As tropas brasileiras e argentinas em breve terão 78.000 homens em armas."

Acrescenta Hoffmann, finalizando a sua segunda carta, que a desconfiança contra os elementos argentinos de Corrientes e Entre Rios, cresce cada vez mais e que êles abertamente mostram a sua simpatia pelos paraguaios. "Espíões paraguaios entre nós relatam tudo ao inimigo. A margem esquerda do Rio Paraná, sob vigilância dos Argentinos, acha-se extremamente mal protegida . . . e, além de tudo, os Paraguaios não atiram contra os Argentinos!"

No próximo relatório, escrito a bordo do «Araguary», a 11 de janeiro de 1866, Hoffmann queixa-se da monotonia do serviço a bordo da conhoneira. Pouco serviço, comida boa demais, falta de espaço para exercícios físicos, mosquitos e pernilongos etc. E sobretudo considera enfadonha a espera. Dos Voluntários Alemães foram escolhidos 20 homens para servirem de artilheiros junto aos canhões do «Araguary». Acrescenta ainda Hoffmann, que o sôlido dos Voluntários é de 890 réis por dia, sendo descontados 400 réis para as despesas de sustento, ganhando assim um soldado raso bastante para enviar pelo menos 12 mil réis, dos sargentos 29 e do primeiro sargento 40 mil réis, líquidos.

Além do sôlido e rancho, os homens têm direito a fumo e cigarros. Porém os preços das mercadorias em Corrientes são excessivos e "fabulosos", custando uma caçacinha 200 réis, um quarto de melancia 400 réis, um quarto de um quilo de café 4 mil réis e meio quilo de açúcar 2 mil réis!

Continua Hoffmann: "no dia 9 de janeiro chegaram os 88 artilheiros alemães voluntários da Província do Rio Grande do Sul, todos homens experimentados no serviço militar da Prússia. Mas como êles foram enganados! Em vez de receberem, conforme prometido, peças novas e arreios de cavalgadura adequado, só encontraram mulas velhas e bois magros, além de algumas peças e canhões do século passado, com carretas velhas e impróprias para a companhia.

Conta-nos o Alferes Hoffmann, que os brasileiros ocupam os pon-

tos mais avançados da marinha e, na vanguarda, com o «Araguary», o contingente dos Voluntários Alemães de Sta. Catarina. Em terra firme, porém, as tropas argentinas formam a vanguarda. (Sic!) O Araguay encontra-se ancorado a uma hora de distância do Passo da Pátria, local fortemente armado pelo inimigo e um ponto estratégico de primeira ordem. As tropas de Lopes, que guarnecem esta margem do Rio Paraná, são constituídas de 30 batalhões de infantaria, cada batalhão de 6 companhias e cada companhia composta de 104 homens, além de 12 Regimentos de Cavalaria com 600 homens cada um. O acampamento dos Paraguaiois encontra-se uma légua à direita do Forte Itapiru, frente à aldeia pequena S. Cosme.

“Submergidas e sob a superfície do rio, Lopes mandou instalar minas, verdadeiras máquinas infernais, invenção do engenheiro americano Bell, que antes tinha ofertado os seus serviços aos Argentinos. Uma experiência foi coroada de pleno êxito, quando um navio velho tocou nos fios elétricos e voou pelos ares espectacularmente”. Até aqui a terceira carta do Alferes Hoffmann.

Sôbre o período que se segue no próximo relatório, enviado em forma de carta à redação do «Colonie-Zeitung», por Hoffmann, as fontes oficiais informam o seguinte: “Durante os meses de dezembro e janeiro, e quase todos os dias, pequenas forças paraguaias desembarcaram na margem correntina, que estava desguarnecida; junto ao rio apenas tinham os Argentinos alguns piquetes de milicianos. No dia 13 de janeiro, desembarcaram 107 paraguaiois em 9 canoas; em 16 de janeiro, saíram de Itapiru 100 e tantos homens e em 17 de janeiro desembarcaram 125 paraguaiois, os quais, segundo a versão da mesma fonte, bateram-se com 1000 Correntinos e apenas tiveram 4 mortos e 3 feridos. A versão Correntina é muito diversa. O maior desembarque paraguaio efetuou-se no dia 30 de Janeiro, culminando, no dia seguinte, com o combate de Corrales. No bosque e na praia próxima travou-se, então, uma sangrenta peleja que durou 5 horas. Os Argentinos padeceram perdas dolorosas. Segundo o historiador Thomson, os Paraguaiois tiveram 200 homens entre mortos e feridos. Vejamos como o Alferes Hoffmann relata os acontecimentos e os ataques de surpresa sôbre as posições aliadas na margem meridional do rio Paraná, na sua quarta carta:

“A bordo do «Araguary», 25 de janeiro. (de 1866)

“Continuamos ancorados no pôrto de Corrientes, aguardando a chegada dos encouraçados. Sômente o «Tamandaré» encontra-se aqui na vanguarda. Deverão chegar as corvetas blindadas «Brasil», de Buenos Aires, e o «Barroso» e «Bonitácio», além de 4 chatas armadas. Diariamente estão chegando retorços, munição, peças e canhões de todos os tipos e novos contingentes de milicianos. Porém, eu não tenho a impressão que a campanha ofensiva prevista será lançada em breve. Ainda aguardam-se navios de guerra encomendados nos estaleiros estrangeiros de Portugal, da Inglaterra e América do Norte. Gastam-se milhões nesta guerra e eu gostaria ter sômente o dinheiro gasto diariamente em carvão de pedra pela frota aqui estacionada. As máquinas permanecem aquecidas dia e noite.

“Lopes está fortemente entrincheirado no Passo da Pátria com mais de 40,000 homens. As passagens do rio estão sendo obstruídas de tal forma que impede a saída dos seus próprios navios. A decisão final desta guerra depende da subida do nível do rio Paraná para permitir uma ação naval contra Lopes,

“1º de fevereiro,

“Mais uma vez os Paraguaiois desembarcaram e atacaram com mais de 3000 homens, porém as notícias se contradizem. Às duas e meia da madrugada, do dia 29, ouvimos canhonadas fortes até 3 horas. De acôrdo com as últimas notícias, as perdas dos Paraguaiois atingem 600 homens entre mortos e massacrados. O comandante das forças orientais, estacionado no local do desembarque paraguaio, Coronel Goyo Soares, após 3 horas de escaramuças, atacou finalmente à baioneta e punhal. Travou-se uma luta sangrenta corpo a corpo sem perdão. Não foram feitos prisioneiros. Degolaram-se os feridos,

“15 de fevereiro”

“No dia 10 de fevereiro ouvimos novamente o trovão das baterias no Passo da Pátria e os Paraguaiois foram novamente repelidos com pesadas baixas, ao transpor o rio. No acampamento de Corrientes reina a mais completa confusão com a chegada de 700 feridos argentinos e orientais (Uruguaiois).

As tropas brasileiras foram tranferidas de Corrientes para o Passo da Pátria, tomando novas posições. Infelizmente os generais não estão de acôrdo sôbre o ponto preferível para a invasão. O General Mitre como Comandante em Chefe das fôrças aliadas não encontra o apóio desejado. O General Osório insiste na coordenação das fôrças terrestres e da marinha para o ataque final.

“Diàriamente estão chegando navios-transportes, alguns com dupla coberta que após o descarregamento de munições, bombas, granadas e canhões, serão transformados em hospitais flutuantes. O nível do rio está subindo diàriamente.

“22 de fevereiro. Ontem chegou o Almirante Tamandaré, e hoje, pela madrugada, o General Flôres. Apesar que ainda não vieram os novos encouraçados, considera-se terminada a concentração das fôrças navais.

“Os Voluntários da Colônia Dona Francisca estão todos passando bem, menos von der Osten, que baixou ao hospital com uma infecção pulmonar. Carecemos de notícias de Joinville. Caso as famílias dos Voluntários ainda não tenham recebido dinheiro, não se preocupem; pois até esta data ainda não recebemos sôldo nenhum”.

A correspondência seguinte do Alferes Hoffmann data de 19 de março de 1866. Iniciando as operações, deixou a esquadra Brasileira, aos 17 março, o seu ancoradouro de Corrientes e postou-se desde Corrales até à confluência do Paraguay no Paraná. No dia seguinte também o «Tamandaré» levantou terço e os navios-transportes se transferiram para a nova posição, junto às tropas terrestres.

Na sua carta Hoffmann expressa a sua satisfação pelo início das operações e continúa. “finalmente avançamos. Estamos todos dispostos e prontos para a luta. Aguardamos para qualquer momento o início da invasão.”

Sôbr os acontecimentos dos próximos dias, o reconhecimento no Alto Paraná e Passo da Pátria e bombardeamento do Itapiru, transcrevemos o relatório do Almirante Tamandaré dirigido ao Ministro da Marinha, cujo original encontra-se no Archivo da Secretaria de Estado dos Negocios

da Marinha:

“Commando em Chefe da força naval do Brasil no Rio da Prata.
Bordo do vapor Apa, 22 de Março de 1866.

Tenho a honra de comunica a V. Ex. que me acho desde o dia 20 com a esquadra nas embocaduras dos Rios Paraguay e Alto Paraná. Dêste modo estão interceptadas tôdas as comunicações do inimigo entre estes dois rios, o que diminue consideravelmente os recursos de que êle dispõe anteriormente para hostilizar-nos.

“No dia 21 partiram daqui os vapores «Tamandaré», «Araguary», e «Henrique Martins», comandados pelo Capitão Alvim, com instruções para reconhecer os passos do Alto Paraná, compreendidos desde êste ponto até o Itati, afim de escolher-se o lugar mais favorável de efectuar-se a passagem do exército.

“A bordo do «Araguary» foi a Comissão encarregada do plano hidrográfico de reconhecimento, composta de 1º. Ten. Arthur Silveira da Motta, meu secretário e ajudante de ordens; do 1º. Ten. Hoonholtz, comandante dessa canhoneira, e do 1º. Ten. Manoel Ricardo do Cunha Couto. Seguiram os referidos navios até à ponta de Toledo, duas e meia léguas acima do Passo da Pátria, sondando todos os canais e determinando as posições de grande número de bancos de pedras, que o tornam tanto mais difícil a navegação do rio pela falta absoluta de práticos destas paragens.

“Estes navios encontraram grande número de chalanas paraguayas cheias de soldados. O acampamento do inimigo é o forte de Itapiru, junto ao qual também estão colocadas duas chatas com peças de grande calibre. No dia 21 mesmo, quando regressava aquela divisão, às 5 horas da tarde, encalhou a canhoneira «Araguary» sobre uma pedra que se acha entre a ilha de Carajá e a margem esquerda. A consequência deste sinistro foi ficarem os três navios durante todo o dia naquêl ponto, onde era de esperar que fôsem atacados durante a noite, o que porém não se realizou.

“As 2 da madrugada do dia 22 uma bateria volante colocada nas Três-Bocas fez 14 tiros de bala contra o «Barroso», no qual, porém, nenhuma tocou. As 6 horas da manhã fiz subir a canhoneira «Mearim» e o pequeno vapor «Voluntários da Pátria» a fim de empregarem todos os meios para desencalharem a «Araguary». O forte de Itapiru, que já no dia 21 havia atirado algumas balas contra os três primeiros navios que subiram, sem conseguir toca-los, fez 18 tiros juntamente com as chatas contra o «Mearim», sem tirar resultado algum.

“Quando esta canhoneira chegou à ilha do Toledo, já encontrou a «Araguary» desencalhada, fazendo, porém, duas e meia polegadas d'água por hora. O «Tamandaré» que também na manhã do dia 22 tocou em outra pedra, nenhuma avaria sofreu.

“A canhoneira «Araguary» foi retirada desta esquadra, inutilizada, pelas avarias que sofrêra, quando encalhada. No dia 23 fui com o General Mitre fazer o reconhecimento dos diferentes passos do rio. A 3ª divisão acompanhava o vapor «Cysne», em que íamos em companhia do Sr. conselheiro Francisco Otaviano. O forte de Itapiru atirou-nos algumas balas, que

felizmente não ofenderam o navio. Chegamos neste reconhecimento até o passo de Jaguar, donde regressamos às 4 horas da tarde, sendo também hostilizados na volta pela dita fortaleza”.

Até aqui o officio do Visconde de Tamandaré. Sôbre as mesmas operações, descrevendo com riqueza de detalhes os acontecimentos o Alferes Wilhelm Hoffmann relata na sua quinta carta :

“20 de março — 6 horas da manhã.

“Ainda ontem o nosso navio foi incorporado na 1ª Divisão Naval; Tôda esquadra prepara-se para o combate, retirando dos mastros as vergas e arreando velas e todo cordame desnecessário. As caldeiras estão sob pressão. Todos estão de prontidão, aguardando impacientemente os acontecimentos.

“21 de março.

“Passou a noite sem novidades. A nossa paciência está esgotada — de repente veio a ordem de avançar! Os navios deslocam-se rio acima. Uma Divisão composta de 5 navios (a 2ª Divisão Naval) toma posição na embocadura do Rio Paraguai e os outros componentes da esquadra sobem o rio Paraná em direção ao Passo da Pátria. O nosso comandante recebe novas instruções e o «Araguary», o encouraçado «Tamandaré» e o vapor de rodas «Henrique Martins» afastam-se da esquadra, continuando a sua marcha rio acima com a incumbência de realizar um levantamento hidrográfico e reconhecimento do local das futuras operações militares. Para esta finalidade alguns officiaes especializados acompanham a nossa expedição, entre elles um Sueco e um Polonês.

“Subindo o rio mais de uma hora, realizamos o levantamento e as observações necessárias, quando appareceu, à nossa esquerda, uma bateria inimiga e um pequeno vapor. Tratava-se do forte Itapiriu, armado com 7 peças. Surpreendidos com o nosso comparecimento, os Paraguaioes deixaram passar o «Henrique Martins» e também o «Tamandaré». Quando o nosso navio se aproximou da bateria, appareceu no ar uma nuvem de fumaça branca e o trovão do tiro documentou a nossa estréia de fogo. Mais dois tiros contra o «Araguary» não atingiram o alvo e nós continuamos a nossa marcha rio acima.

“Antes de chegar ao Passo da Pátria, avistamos uma grande quantidade de canoas e barcos pequenos que afugentaram-se nos pequenos rios e canais da ribanceira pantanosa. Um barco a remo com alguns Paraguaioes a bordo aproximou-se em virtude da correnteza do rio e foi atingido por uma bala certaíra do Ten. Friedenreich que recebeu ordens de atirar. Um homem tombou e não appareceu mais. Neste momento o encouraçado «Tamandaré» atirou uma carga de metralhadora de grande calibre, que passou zumbindo por cima do barco inimigo. Remando a tôda fôrça, os Paraguaioes conseguiram, sob o nosso fogo de espingardas, atingir terra firme, quando outra bala grossa do «Tamandaré» estourou entre elles no barranco. Contamos 8 homens que salvaram-se mato a dentro

“Ao continuar a viagem, o «Araguary» bateu contra um baixio rochoso, encalhando em seguida. Durante o dia todo e a noite com auxílio

dos dois navios, trabalhamos para fazer flutuar novamente o nosso navio, o que conseguimos de madrugada.

“Durante o dia o calor era abafante e a noite seguinte exigia todos os esforços da tripulação para salvar o «Araguary», que estava fazendo bastante água devido um rombo no casco. As bombas d'gua trabalhavam incessantemente. Dois navios pequenos da esquadra brasileira vieram ao nosso auxílio, o «Mearim» e o pequeno Aviso «Voluntario da Patria». Ao passarem pelas baterias inimigas, foram alvo de 17 tiros de canhão. Parece que os paraguaios carregaram os cartuchos das peças com mais pólvora, pois os projetis sobrevoaram o alvo e atingiram o outro lado do rio.

“Finalmente conseguimos voltar rio abaixo e juntar-nos à nossa Divisão Naval sem novos acontecimentos, apesar dos esforços do inimigo para impedir com cargas de balas a nossa passagem. Ficou provado com a nossa missão de reconhecimento que o braço Este do rio Paraná apresenta bastante profundidade para possibilitar a travessia, pelo menos até a pequena ilha do rio. Uma vez tomada a ilha, o assalto contra o Passo da Pátria não apresenta mais dificuldades.

“Escrevo estas linhas, apoiando o papel sôbre o cano de uma peça. As águas estão flutuando sôbre o convés do nosso navio e marinheiros e soldados ao meu lado aguardam o desembarque no pôrto. Em seguida o «Araguary» será submetido aos reparos necessários e o nosso contingente será transferido para o navio-almirante «Apa».”

Termina aqui a quinta carta do Alferes Hoffmann.

Pelo sexto relatório, escrito a 28 de março, ficamos cientes que o contingente dos Voluntários Alemães de Sta. Catarina não foi transferidos para o bordo do transporte «Apa» que serviu de navio-almirante, porém para o «Cysne», um vapor auxiliar que serviu em missão especial ao representante do Imperador Dom Pedro II, o Embaixador brasileiro Francisco Otaviano de Almeida Rosa.

Como já vimos, no mesmo dia 23 de março em que os Voluntários guarnecem o «Cysne», o Alto Comando resolve uma ação de reconhecimento do Alto Paraná no local das futuras operações de invasão do território paraguaio. Assim chegam a bordo do «Cysne» o General Osório, o General Mitre na sua qualidade de Presidente Argentino e Comandante Supremo das forças aliadas, e mais o Almirante Tamandaré, cumprimentadas pelo Embaixador brasileiro Francisco Octaviano.

Escoltado pelo encouraçado «Tamandaré», pela canhoneira de rodas «Henrique Martins» e pela Aviso «Voluntário da Pátria», o «Cysne» avança em direção ao Passo da Pátria. Como no dia anterior, as baterias inimigas abrem um fogo intenso contra os navios brasileiros, sem contudo atingir o alvo. Os navios continuam na missão de reconhecimentos até um ponto situado uma légua além do ponto alcançado no dia anterior, voltando, em seguida sem maiores acontecimentos. Lamenta o Alferes Hoffmann, que os companheiros von der Osten e Eisendecker, de Joinville, não puderam participar da expedição, encontrando-se recolhidos ao Hospital de Corrientes.

Continua Hoffmann na sua narrativa: “Hoje pela manhã (24 de março) um vapor e uma canhoneira inimigos abriram fogo contra o «Cysne». As balas caíram na água a uma distância de 3 a 5 braças, outras zumbiram sobre o nosso navio. O principal objetivo deste ataque foi o navio-almirante, ancorado ao nosso lado. Após uma salva de artilharia do «Tamandaré», os agressores refugiaram-se.”

No mesmo dia 24, às 3 horas da tarde, um oficial do Almirante Tamandaré dirige-se a bordo do «Cysne» para providenciar a transferência da maioria dos Voluntários Alemães de Santa Catarina para o vapor de guerra «Araguay» (que não deve ser confundido com o «Araguary».) Permaneceram a bordo do «Cysne» apenas uma guarda de honra para o embaixador brasileiro, que é constituída de três oficiais, 2 sub-oficiais e 20 soldados. Fazem parte do destacamento os oficiais von Seckendorf, Friedenreich e Hoffmann, os sub-oficiais Richter e Gaensly e dos soldados de Joinville H. Blume e mais alguns outros.

Hoffmann expressa o seu contentamento de ter ficado no «Cysne», um “belo navio e condições agradáveis”. Os demais Voluntários transferidos para o «Araguay», mostram o seu descontentamento, pois esse navio é velho e permaneceu por muito tempo sem tripulação no pôrto de Corrientes. Tripulado com o contingente de Alemães, o «Araguay» é incorporado na 2ª. Divisão Naval e monta guarda na embocadura do Rio Paraguai.

Continua o Alferes Hoffmann, a bordo de «Cysne», a relatar os acontecimentos dos dias 25, 26 e 27 de março. “Como acabamos de ver, o inimigo não cessou nestes dias de fazer fogo sobre a esquadra. No dia 25 o fogo esteve mais animado a partir das 4 horas da tarde e os navios brasileiros responderam com

balas de 32 até 150 libras. Uma bala inimiga de 68 atingiu o navio-almirante «Apa», perfurando o casco, apesar das grossas correntes dependuradas de ambos os lados para atenuarem o efeito das balas inimigas. O «Tamandaré» e o «Henrique Martins» avançaram em direção de uma chata paraguaia, cujo bordo se elevava apenas um pé acima do nível da água, e que não podia ser atingida facilmente pelas balas. Rompeu, então, da praia e dos bosques, um vivo fogo de fuzilaria do inimigo, calculado em mais de 2000 homens de infantaria. Com lua cheia, o tiroteio demorou-se até 8 1/2 da noite. A chata foi afundada e os navios regressaram ao lugar que antes ocupavam”.

Continua o relatório de Hoffmann :

“No dia seguinte, a 26 de março, ao meio dia, uma chata inimiga abre fogo contra o navio-almirante «Apa», acertando 3 balas de 68. O encouraçado «Tamandaré» avança contra a chata e aos primeiros tiros os Paraguaios abandonam a chata, lançando-se a nado no rio. Logo depois um certo tiro do «Tamandaré» provocou uma explosão na chata, que voou em pedaços. A noite veio a bordo do nosso navio o General Osório e o General Flores para conferenciar com o Embaixador brasileiro.

“27 de março. Um dia de calor insuportável. O nosso estado de saúde não é bom e a falta de apetite deixou-nos emagrecer horrivelmente. Às 11 1/2 voltou o inimigo com duas chatas armadas com peças calibre 68, para atacar a esquadra. Apressadamente o Almirante Tamandaré deixou o «Cysne» e dirigiu-se a bordo do «Apa» para o seu posto de comando. Às chatas, porém, com uma pontaria incrível, conseguiram atingir em cheio o encouraçado «Tamandaré». Duas bombas penetraram por uma escotilha aberta da casamata e, ao entrar, arrancaram e converteram em projetis as correntes que defendiam a portinhola contra o fogo de fuzilaria, causando dentro da casamata estragos horríveis.

“O Comandante, 4 oficiais e 36 homens foram mortos e feridos. O «Tamandaré», aos sinais do Navio-Almirante, retirou-se da linha de fogo, solicitando a vinda de médico. Uma das balas esmagou o joelho do Comandante Barros, que recusava terminantemente a anestesia de clorofórmio quando lhe amputaram a perna, dizendo: — “que isso era bom para mulheres”.

Pediu um charuto e mandou cortar a perna, falecendo

logo em seguida, com um sorriso nos lábios.

“Continuando o canhoneio até ao anoitecer, retirando-se os componentes da esquadra, em seguida. O Embaixador Octaviano tem se mostrado extremamente irritado. O General Osório declarou que os preparativos para a invasão ainda não estavam terminados e que somente o General Flôres tinha reunido o material necessário. Reinava a mais completa desarmonia e descontentamento com o prolongamento inútil da campanha e da guerra em geral. O Embaixador brasileiro resolveu abreviar a sua partida e encontra-se num estado de nêrvosismo. Em consequência o nosso pequeno contingente de guarda no «Cysne» será novamente transferido a bordo do «Araguay» para reunir-se com os outros Voluntários Alemães.

“A bordo do «Araguay», 28 de março. Hoje pela manhã chegamos aqui a bordo do «Araguay», um navio velho e meio podre. Baixou ao Hospital o Alferes Friedenreich (de Blumenau) e quatro outros oficiais solicitaram a sua demissão definitiva, pedindo baixa do serviço militar”.

Nas suas anotações do dia seguinte, 29 de março, Hoffmann queixa-se amargamente da situação insuportável a bordo do «Araguay», sem acomodações adequadas e passando fome, do calor abafante e dos mosquitos e pernilongos que infestam os navios durante a noite. Hoffmann considera a espera enfadonha, preferindo mil vêzes a luta. Porém o «Araguay» continua ocupar a sua posição na embocadura do rio Paraguay. Quase todos os Voluntários da Colônia Dona Francisca estão decididos a apresentar os seus pedidos de baixa do serviço.

Finalmente, a 30 de março, um acontecimento reanima o ânimo e a coragem dos nossos Voluntários. As 11 da noite um tiro de canhão rompe o silêncio a bordo dos 6 navios postados no ponto estratégico “Três Bocas”. A corveta «Magé» avistou uma chata inimiga, que sob a escuridão da noite, procurava descer o rio, pela margem esquerda do Paraguai, com destino a Itaipuru. Vinha rebocada por uma canoa e trazia uns 40 homens,

Alferes Hoffmann narra o episódio na sua seguinte carta :

“O primeiro navio que conseguiu levantar ferros foi o nosso «Araguay». O «Magé» que deu alarma e meteu uma carga de metralha em direção do inimigo, embarcou no seu escaler 22 homens para cortar o caminho da chata. O «Araguay» devido o seu pouco calado, conseguiu aproximar-se a menos de 100 metros e

arriou um escaler com um destacamento de um sub-oficial e 12 Voluntários. Ao comando de "Fogo"! uma salva de 12 tiros de fuzil varreu a chata. De um lado os soldados abordaram a embarcação e do outro lado os paraguaios lançaram-se a nado, ficando a chata em nosso poder. O escaler do «Magé chegou atrasado e a chata, em seguida, foi rebocada junto ao «Araguay».

“Encontramos a bordo da chata 25 espingardas, em parte de fabricação de Potsdam e “à Minié”, 12 camisas vermelhas de lã, uma grande quantidade de punhais e sabres, um baú contendo petrechos e objetos para oficiais e 200 mil réis, 2 caixas de açúcar (rapadura) e quantidade de pão de milho, carne de boi, tabaco e muitos charutos, cachimbos e isqueiros.

“Às duas horas de madrugada o «Araguay» voltou à sua posição anterior e logo em seguida reinou a calma e o silêncio da noite em torno dos nossos navios”.

No relatório oficial, apresentado pelo Visconde de Tamandaré ao Conselheiro Francisco de Paula da Silveira Lobo, Ministro e Secretário da Marinha, o episódio acima relatado pelo Alferes Hoffmann, é documentado apenas em poucas linhas: “Às duas horas da madrugada os navios da 2ª Divisão, que se acha fundeada na boca do Paraguay, tomaram uma chata que descia deste rio pela margem esquerda com o fim de passar para o Itapiru.”

A última carta recebida pela redação do «Colonie-Zeitung» do Alferes Hoffmann, data de abril, escrita ainda no «Araguay». Diz Hoffmann, que irrompeu um surto de febre amarela a bordo, apresentando-se os demais Voluntários amarelados pela doença. Não podemos acreditar que seja realmente febre amarela ou “vômito-negro” como o terrível mal era chamado na época. De certo tratava-se de uma epidemia de icterícia sem consequências fatais. A má qualidade do rancho, os incômodos provocados pela doença e o tempo frio e chuvoso com trovoadas e temporais, criaram certa amargura entre Voluntários Alemães, que enviaram uma deputação ao General Osório, expondo a sua situação, pedindo baixa do serviço ou a sua transferência para as tropas de terra. O General Osório, de boa vontade, recusou a baixa do serviço, porém mandou pagar aos Voluntários três meses de soldo já vencido e providenciou a sua transferência da esquadra e o embarque dos Voluntários doentes para o Hospital de Corrientes, o que se deu no dia 5 de abril.

Dessa data em diante, as notícias dos Voluntários Alemães escasseiam. Os oficiais Sametzki, Odebrecht, de Blumenau, e Wilhelm Hoffmann baixaram no mesmo dia 5 de abril ao navio-hospital «1.º de Junho». Não participaram assim da invasão do território paraguaio e transposição do rio, a 16 de abril, que constituiu uma surpresa tática feita ao inimigo, culminando com a tomada do Forte de Itapiru, no dia seguinte.

Encontramos no «Colonie-Zeitung» de 14 de julho de 1866 (N.º. 28) a notícia da morte dos Voluntários Carl von Reibnitz, afogado no rio Paraná a 10 de maio, Christian Meyer, da Suíssa, e Carl Eisendecker, de Hannover, que faleceram no hospital.

Outra nota, publicada a 1.º de dezembro de 1866 (N.º. 48), informa sobre os Voluntários Alemães de S. Catarina. Dêde o licenciamento do Capitão von Gilsa, que voltara a Blumenau, o Contingente sob o comando do Tenente Guido von Seckendorf (de Brusque) guarnece a pequena ilha de Cerrito, base da esquadra com as suas oficinas, depósitos de material bélico e hospitais, já em outubro de 1866.

Incorporados na 9.ª Brigada de Infantaria, formando porém duas Companhias isoladas dos Batalhões sob comando do Brigadeiro João Guilherme de Bruce, então denominado “Contingente de Voluntários da Pátria Alemães”, podemos afirmar positivamente, que nenhum destes homens e colonos de Blumenau, Dona Francisca, Brusque e das outras Colônias de S. Catarina, participava como soldado ativo nas operações da invasão do território paraguaio. Afirmar que . . . “a 18 de abril é içada a bandeira brasileira no forte Itapiru, parece que pelo próprio von Gilsa, e que tomaram parte nos combates 7 oficiais e 112 homens do Contingente de Voluntários Alemães” . . . como consta no livro Centenário de Blumenau, p. 439 “Blumenau no Exército Nacional” não corresponde, absolutamente, à verdade histórica.

Também não participavam os nossos Voluntários nas lutas cruéis e renhidas pelepas na ilha Redencion, em frente ao Forte Itapiru, depois chamado «Ilha do Cabrita» em homenagem ao bravo Tenente-Coronel Willagran Cabrita.

A bandeira que primeiro foi içada no Forte Itapiru, foi a do 6.º Batalhão de Infantaria, hasteada pelo Ten. Cel. J. C. de Carvalho, e o único Batalhão da 9a. Brigada de Infantaria,

que tomou parte nas operações da transposição do rio, o 9º. Batalhão de Voluntários da Pátria, foi o Batalhão de Caçadores da cidade do Rio de Janeiro, sob comando do Ten. Cel. Oliveira Bueno.

Desde o dia 5 de abril, em que os Voluntários Alemães desembarcaram da canhoneira «Araguay» com autorização do General Osório, bem doentes e alquebrados pela febre, desanimados e desalentados, começa-se a notar que as duas Companhias do Contingente foram dissolvidas e não mais participavam ativamente nas operações de guerra. De acôrdo com o Diário do Capitão von Gilsa, analisado pelo Sr. Cel. Henrique Oscar Wiederspahn (Blumenau em Cadernos Tomo V N.º 6 - 10), baixaram ao Navio-Hospital «1º. de Junho» e ao Hospital de Corrientes, no dia 5 e 6 de Abril, nada menos de 3 oficiais e 20 Voluntários Alemães. Sabemos da mesma fonte, que o Capitão von Gilsa cooperou no transporte de cavalos por ocasião da invasão do território inimigo e, depois de 7 de maio, embarcou no transporte «Princesa de Joinville». Daí em diante perdem-se os vestígios até Outubro, quando o Contingente monta guarda na pequena ilha de Cerrito.

Durante longo tempo os Voluntários das Colônias de Sta. Catarina estiveram aquartelados nesta ilha. Afinal, em outubro de 1869, foram transferidos para Rosário, onde se encontrava então o Quartel General do Marechal Conde d'Eu.

Dos primeiros Voluntários de Joinville, que voltaram do Paraguai, citamos, de acôrdo com as informações do «Colonie-Zeitung» de 31 de agosto de 1867, o colono Friedrich Knappe, licenciado em virtude de um ferimento no pé, provocado em acidente.

Apenas em março de 1870 (Nr. 11) encontramos no «Colonie-Zeitung» novamente notícias sôbre o Contingente de Alemães, partidos 5 anos antes, de Joinville: "Retornaram o Tenente Hoffmann, e os Voluntários Blum, Knappe e von Vossen. Há poucos dias chegaram aqui também o sargento Louis Richter e o cabo-furiel Emil Gaensli, em gôzo de licença de 4 meses, que vieram dirétamente de Rosário, Norte do Paraguai, onde se encontra atualmente o Quartel General do Marechal Conde d'Eu. Viajando pelo transporte «Marcílio Dias» que fez o trajeto de Assunção ao Destêrro em 8 dias, também chegaram aqui dois Voluntários do nosso Município, a saber: o Capitão Vieira e o Sargento Rocha.

“Morreram no decorrer desta guerra os Voluntários de Joinville: Adolph Baurath (faleceu a bordo do S. Miguel em 1865;

Carlos von Reibnitz (afogado no Rio Paraná a 10-5-1866)

Adolph von der Osten (faleceu no Hospital em abril 1866)

Cristian Meyer (faleceu no Hospital a 28 de maio de 1866)

Hermann Itzfeld (faleceu no Hospital)

Jacob Wenz (faleceu em 1867)

Carlos Eisendecker (faleceu no Hospital, maio de 1866)

Augusto Graeve (faleceu no Hospital de Corrientes)

Eduard Seiler (faleceu em 1868).

“Desertou o cidadão Frans Stern - João Tesch e David Gentner foram conduzidos, presos, para o Rio de Janeiro, onde foram absolvidos. Wilhem Neuscheffer e Jacob Mayeros encontram-se ainda no Quartel General de Rosário. Georg Ziegler conseguiu licença para Montivedeo.

“Dos 136 homens do Contingente de Voluntários Alemães de Santa Catarina, 25 ainda encontram-se no Paraguai, incorporados ao 18º Batalhão. Dos Oficiais já voltaram o Capitão von Gilsa, Ten. von Seckendorf, Ten. Hoffmann, Ten. Odebrecht, Ten. Friedenreich e Ten. Sametzki. além do Tenente Endrenny, da Hungria.”

Sôbre o regresso dos Voluntários da Patria podemos transcrever uma relação interessante, publicada no «Colonie-Zeitung» de 17 de Setembro de 1870 (Nº. 38), referente aos navios transporte que tocavam no Destêrro, na sua viagem ao Rio de Janeiro:

16 fevereiro 1870	- vapor Galgo	- 40°.	Batalhão - Bahia
16 “	“ - “ Vassimon	- 17°	“ Minas Gerais
16 “	“ - “ S. José	53°	“ Pernambuco
12 - Março	“ - “ Werneck	1°	“ Rio de Jan.
14 - “	“ - “ Cuyabá	30°	“ Pernambuco
26 - “	“ - “ Leopoldina	26°	“ Ceará
9 - Abril	“ - “ Isabel	35°	“ São Paulo
10 - “	“ - “ S. José	46°	“ Bahia
18 - “	“ - “ Marcilio Dias	41°	“ Bahia
25 - “	“ - “ Vassimon	33°	“ Rio-Niterói
25 - “	“ - “ Bonifacio	44°	“ antigo 6º Bat.
26 - “	“ - “ Villeta	27°	“ antigo 4º Bat.

27 -	“	“	-	“	Galgo	Conde d'Eu e Estado Maior
13 -	Maio	“	-	“	Emilie	31° Batalhão
21 -	“	“	-	“	Werneck	37° “ e 36° Bat.
13 -	junho	“	-	“	Isabel	50° “
24 -	julho	“	-	“	Isabel	54° “

Além dos Batalhões de Voluntários da Pátria acima citados, ainda regressou o 39° Batalhão, em abril de 1870, diretamente para o Sul com destino de Rio Grande e Pelotas. Do 33° Batalhão de Voluntários de Rio Grande do Sul, que inicialmente contava com 400 homens, sómente voltaram 33 homens.

Terminam, aqui, as informações preciosas sôbre a participação dos Voluntários de Santa Catarina, na Guerra do Paraguai. Na sequênciã dos fatos mais importantes, revelados através da imprensa de Joinville, relatamos alguns apenas. Na correspondência do Alferes Wilhelm Hoffmann e na riqueza dos detalhes, o historiador encontrará um estímulo para o prosseguimento dos estudos sôbre os cinco longos e cruentos anos de Guerra do Paraguai e as ações heróicas praticadas pelos bravos que deram seu sangue e sua vida pelo Brasil.

Dos 21 Voluntários da Colônia Dona Francisca, hoje Joinville, nenhum tombou em combate ou ferido nas operações de guerra. Porém sete Alemães e dois Suíços de Joinville faleceram de cólera e outras doenças epidêmicas e os poucos que regressaram doentes e alquebrados, viveram com a saúde abalada em virtude das doenças adquiridas em campanha. Seus nomes não serão esquecidos.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1,000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil



ELETRO-AÇO ALTONA^S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 - Telefone, 1338

Caixa. Postal, 30 - Telegramas: «E L A Ç O»

— ITOUPAVA - SÊCA —

B L U M E N A U - S T A . C A T A R I N A

Fundição de Aço — Laminação de Ferro e Aço

Fábrica de Máquinas — Fábrica de Ferramentas

Forjaria — Fundição Elétrica.

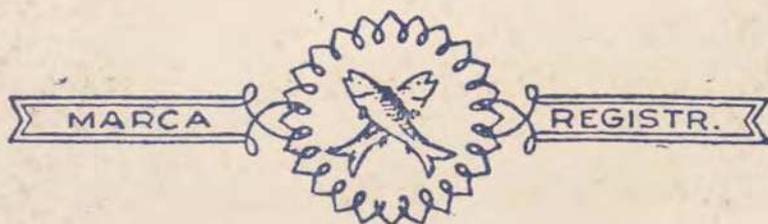
INDÚSTRIA TÊXTIL

Companhia Hering

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL

RUA HERMANN HERING, 1790 — Caixa Postal, 2

TELEGR.: «TRICOT»



Fábrica de:

ARTEFATOS DE MALHAS

Fundada em 1880

CONTRIBUINDO PARA A

GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E INDÚSTRIA.